

A Busca do Tempo no Tempo da Busca: Tensões Estéticas e Ideológicas em Carlos Pena Filho

Prof. Dr. José Alexandre Ferreira Maia¹ (UFPE)

Resumo:

Este artigo procura identificar, na poesia de Carlos Pena Filho, duas ordens de composição: uma que evidencia a demanda estética associada à natureza sensorial da palavra, quando tenta captar sua plasticidade auditiva e visual, seu tema mais frequente é a efemeridade dos instantes; e outra que traz como foco os espaços histórico, social e geográfico, onde o poeta enuncia, com sutil ironia, sua visão épica e se torna precursor de uma retórica de cunho regionalista popular e ideológico. Estas distintas posturas revelam uma poética dividida, mas extremamente lúcida que se constituem como uma imagem particular e inusitada do conceito de modernidade.

Palavras-chave: modernidade, formalismo estético, conflito ideológico.

Abstract:

The article seeks identify, in Carlos Pena filho's poetry, two kinds of composition: one in which we see the aesthetic requirement associated to the sensorial nature of the Word, when he tries to capture its oral and visual plasticity; the other which focuses the historical and social spaces, where the poet enunciates, with subtle irony, his epical vision e becomes precursor of a regionalist, popular and ideological rhetoric. There is a rift in his poetry, although extremely lucid and cunning, forming a particular image of the concept of modernity

Introdução

Para definir a modernidade como um tempo homogêneo Cancline (2000) aponta a existência de quatro movimentos básicos², entre eles, um movimento emancipador:

¹ Professor Adjunto de Literatura Latina. Atualmente é Chefe do Departamento de Letras

² Os outros são: expansionista, renovador e democratizador.

Por projeto *emancipador* entendemos a secularização dos campos culturais, a produção auto-expressiva e auto-regulada das práticas simbólicas, seu desenvolvimento em mercados autônomos. Fazem parte desse movimento emancipador a racionalização da vida social e o individualismo crescente, sobretudo nas grandes cidades (CANCLINE, 2000. p. 31)

Sua análise bastante elucidativa destes quatro movimentos reporta uma série de posicionamentos críticos articulados de tal forma que deixa antever no seio de cada prática simbólica uma insolúvel contradição³. Por sua natureza contraditória, a modernidade pode ser demarcada como o tempo da busca. Do ponto de vista cultural, é o tempo da busca por novas formas de expressão, busca por novos gêneros, busca por autonomia estética e ideológica. Trata-se de uma grande utopia que prega uma nova moral intrinsecamente contraditória, pois ela está condicionada à racionalização da vida social e à liberdade individual, aparentemente, situações inconciliáveis nas sociedades complexas.

Desde a segunda metade do século XX, por todo o mundo, na periferia do núcleo euro-americano e em ritmo frenético, os movimentos surgem com novas propostas de expressão e autonomia, referem-se a um novo tempo, mas parecem repetir as mesmas buscas emancipadoras, pois não conseguem estabelecer qualquer condição de racionalização. Este novo tempo vem recebendo a frouxa classificação de pós-modernidade.

O Início da Busca

Situado entre os maiores poetas da Geração 45 do Modernismo Brasileiro⁴, exatamente a geração que vai assumir o papel de vanguarda, na segunda metade do século XX, atingido pelas forças do seu tempo, percebe-se que o gênio criador de Carlos Pena Filho está nitidamente marcado pela mesma busca utópica da modernidade. As pistas para sua busca foi prefaciada por ele mesmo de forma inovadora, numa espécie de apresentação

³ Cancline parte de três autores Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu e Howard S. Becker. (Cancline, 2000, p. 32-42)

⁴ Cf. (Coutinho, 2000, p. 9)

dos seus poemas, reunidos no primeiro livro *O Tempo Da Busca*⁵, onde ele se mostra rompendo com o passado e se inserindo no seu tempo:

Entrara inconscientemente no mundo do absurdo. Tudo era favorável a inventos e saltos... Só mais tarde teve conhecimento de tudo e viu que as palavras eram deliciosos jogos para adultos. Hoje é um fabricante de brinquedos. Mas tudo sem conseqüências nem circunstâncias. E sobretudo improcedentes. Tanto que pôs um aviso em todos eles: estes brinquedos não foram feitos, de maneira alguma, para pessoas que possuam velhos paletós azuis cheirando a maçãs, ou coisas presas atrás de pianos e livros. (PENA FILHO, 1959. p. 89).

Observa-se aí uma atitude clara de engajamento em seu tempo; uma atitude inovadora, vanguardista, pois tudo era favorável a inventos e saltos. O Poeta do Desmantelo Azul busca, na palavra, o brinquedo com o qual vai desenvolver sua arte. Assim esta busca se dá através de duas formas de conceber e renovar o gênero poético. Por um lado, sua lírica que se ajusta, com enclave perfeito, ao metro decassílabo e à forma do soneto; e, por outro lado, sua épica, que também com muita maestria, plasma a tradição do cancionero.

O caso de Pena Filho não é isolado. Constata-se que esta prática, ao longo da evolução do Modernismo Brasileiro, torna-se bastante comum, principalmente a partir do movimento regionalista lançado pela força intelectual de Gilberto Freire. Contudo, em Pena Filho, encontra-se uma oportunidade perfeita para discernir exatamente acerca destas duas tendências que sempre estiveram presentes na construção dessa modernização.

Foi a partir do movimento regionalista que o Modernismo Brasileiro se lançou na nítida construção dessa síntese que resulta muitas vezes em hibridismo. Na Europa e em todas as Américas, cada autor, intelectual ou artista, ao seu modo, procura, nesse tempo moderno, a sua prática simbólica autônoma, sua própria realização estética e ética. Quanto a isto, basta conferir a ação das vanguardas que desencadearam em todo mundo civilizado verdadeira crise dos gêneros.

⁵ Livro depois reunido no *Livro Geral*. (Pena Filho, 1959. p. 87)

Todavia, ao lado da busca formal estética mais inovadora, mais experimentalista, ou mais autêntica e original, ou mesmo, sobrepujando-a, desenvolveu-se uma demanda ideológica, marcada por forte apelo de justiça social e de inserção em mercados culturais. Observada atualmente como uma condição primordial para o êxito artístico. Esta tendência tem gerado grandes controvérsias nas noções de gosto e valor, mas é assim que a poesia moderna, no Brasil, tem buscado sua mais autêntica dicção, a que melhor enuncie este grandiloquente projeto cultural de modernização.

Contração e Conflito na Busca Poética

Em Carlos Pena, vê-se que a dicção poética, está nitidamente marcada por essas duas tendências. Na sua obra há a predominância de dois gêneros que representam exatamente as duas tradições que entram em conflito no modernismo: a erudita e a popular. Por isso é possível identificar dois metros distintamente concebidos, como já foi dito: o decassílabo lírico, geralmente ordenado na estrofe regular do soneto⁶; e o verso de sete sílabas, que melhor se ajusta a uma voz de caráter popular e épico. É evidente que, na elaboração dos decassílabos, existe uma maior exigência de refinamento estético, mas é inegável também que há o perfeito manejo do verso popular, na forma consagrada da redondilha, atendendo às vicissitudes do gênero.

Nos versos de dez sílabas, percebe-se o quanto é hábil em transmutar as profundas inquietações humanas para o nível da superfície das sensações: Em *Para fazer um soneto* lê-se: “Tome um pouco de azul, se a tarde é clara,/e espere pelo instante ocasional./Nesse curto intervalo Deus prepara/e lhe oferta a palavra inicial”. (Pena Filho, 1959. p. 80)

Ou em seu famoso: *Soneto do Desmantelo Azul* (Pena Filho, 1959. p. 59): **Então pinte de azul os meus sapatos/ por não poder de azul pintar as ruas,/ depois, vesti meus gestos insensatos/ e colori as minhas mãos e as tuas.**

⁶ Em *Cinco Aparições* (Pena Filho, 1959, 31-35) ele experimenta outras formas de versos e estrofes.

É deste modo que transforma o conceito em uma espécie de imagem-objeto sem acarretar na banalização da palavra, palavra esta que traz o que há de profundo à superfície, que do conceito e da imagem se faz insinuante veículo.

Já no cancionero, a voz poética é heroica, a palavra é predominantemente referencial e comunica grande capacidade de representação, tanto da paisagem economicamente hostil do agreste nordestino, quanto da paisagem urbana do Recife e de Olinda.

Muitas vezes, apenas a poesia lírica é lembrada pelos seus leitores, mas é possível notar que passagens de seu cancionero rural e urbano reportam complexas e deleitosas imagens com as mesmas sutilezas que encontramos nos sonetos. Como se verifica em sua obra emblemática: *Memórias do Bai Serapião* (Pena Filho, 1959. p. 51). Aí enuncia a voz de um boi: **Este campo,/ vasto e cinzento,/ não tem começo nem fim,/ nem de leve desconfia/ das coisas que vão em mim.** Voz sutilmente interrompida por parênteses que introduzem a voz do poeta: **(porque são pecados nossos)** e **(que é azul por ser da infância)** Este recurso faz destacar a voz poética enunciada pelo boi e seu ponto de vista fabuloso, reportando com máximo êxito suas queixas, bovinamente conformadas.

Encontram-se, também, passagens expressivas e controversas no seu cancionero urbano (Pena Filho, 1959. p. 120). Expressões que no Recife são ditas como invenções do domínio público, como verdadeiros bordões: **Recife, cruel cidade,/ águia sangrenta, leão./ Ingrata para os da terra / boa para os que não são./ Amiga dos que a maltratam,/ inimiga dos que não.** Assim considera-se que o aproveitamento das duas posturas é único, pelo trabalho que realiza com a palavra poética.

As exigências modernas para o recrudescimento dessas tensões estético-ideológicas passaram a atrair, no Brasil, grandes levas de autores e isto pode ser visto nitidamente no romance, no cinema, na pintura e na música popular e erudita. É de fato uma marca que distingue e coloca as demandas culturais brasileiras entre as mais originais do mundo globalizado.

Engajamento Estético e Ideológico

Para colocar Pena Filho entre nossos grandes autores é necessário esclarecer as duas faces de sua elaboração poética. Algo que devemos destacar, a este respeito, é a posição de Coutinho (2000) que, na breve apresentação da reunião da coletânea *Melhores Poemas*, assume a defesa de Carlos Pena Filho, respondendo a uma acusação, talvez, não formulada, pois – mesmo que a acusação não tenha sido feita - fica patente que há nas observações do crítico a necessidade de esclarecer que a elaboração da poesia esteticamente refinada de Carlos Pena , onde é nítida a sua preocupação com as palavras, implique em certa alienação. Assim, veementemente esclarece:

Sua preocupação com as palavras não está, de forma alguma, afastada de suas emoções e do seu compromisso social como escritor.) A poesia de Carlos Pena Filho – em nenhum momento, escapista, visando ao nada ou à arte pura beletrística, etérea – consegue ser, ao mesmo tempo, lírica e lúcida, sensual, lúdica, irônica, nativa e, sempre, de responsabilidade assumida. (COUTINHO, 2000. p. 10)

Até que ponto a preocupação com as palavras sugere uma alienação. Ou, como quer o autor, sugere **escapismo, niilismo, beletrismo**? Até que ponto o caráter etéreo da palavra, poética, ou a busca estética pelo requinte sensorial das palavras dirigido a um público aparentemente pouco preocupado com as questões ideológicas pode ser alvo de crítica ou acusação?

Este é o ponto em que as tensões estético-ideológicas ganham corpo. Nas palavras de Coutinho, compromisso social deve significar engajamento em debates ideológicos, ou apenas uma preocupação maior com os problemas da sociedade, com a luta de classes, ou com a militância política, por onde se enveredou o poeta? Seja lá como for Carlos Pena teria também atendido poeticamente a esses clamores do tempo histórico, escrevendo versos de protesto e denúncia, antecipando, segundo pensa o crítico, a retórica de esquerda:

Sem romper com o lirismo, seus poemas da última fase são marcados, fortemente, pela dura têmpera do povo nordestino mais sofredor, e o que vai informar é o mais espantoso drama do Nordeste: a fome. (COUTINHO, 2000. p. 11)

O que será a retórica de esquerda senão o resultado da demanda ideológica que tem submetido toda obra artística e cultural moderna. Infelizmente a ênfase no compromisso social se torna extremamente apelativa, ocasionando estrondosos fiascos estéticos como é o caso do movimento Marginal do Recife.

Embora dividido, Carlos Pena teve êxito nas duas formas de vivenciar as tensões do seu tempo. Aparentemente dois tipos de público o acolhiam: aquele dos salões chiques do Recife, leitores de poesia afeitos aos jogos poéticos mais complexos: **Daí o meu desprezo a jogos claros/ e nunca comparados ou medidos/ como estes meus, ilógicos, mas raros./ Daí também, a enorme divergência/ entre os dias e os jogos, divertidos/ e feitos de beleza e improcedência.**⁷ E aquele que o aguardava nos subúrbios da cidade ou no paratópico centro do Recife, onde deixou gravado seu mais famoso refrão: **Nas mesas do Bar Savoy,/ o refrão tem sido assim:/ são trinta copos de chopp, são trinta homens sentados,/ trezentos desejos presos,/ trinta mil sonhos frustrados.**⁸

Todavia, é no soneto onde trabalha com extrema lucidez a substância diáfana da palavra, a sua natureza etérea, e impõe a si próprio o rigor estético da busca da composição plástica, superficial e externa da palavra poética. Ele a faz soar como um jogo alimentado pelo puro halo imaginativo, que transmite luz e cor. Transforma o conceito em um ser concreto, e vive-versa, através de objetos nomeados com extrema força metafórica e até de modo transcendente. Sua melhor poesia dá-lhe o galardão de um Horácio, de quem parece compartilhar o formalismo lírico a concepção do tempo em sua brevidade iluminando os instantes⁹.

⁷ (Pena Filho, 1959. p. 91)

⁸ (Pena Filho, 1959. p. 118)

⁹ “Horácio insere breves e graciosíssimas líricas, pequenos quadros da vida particular e dos costumes do tempo”. (Leoni, 1976, p. 78). Esta comparação será melhor analisada em trabalho posterior.

Todavia, a imagem que melhor resumiria a poética de Carlos Pena Filho, ao mesmo tempo límpida e vertiginosa, está no seu verso **aérea estátua de silêncio e bruma** que conclui o poema *A Palavra*. (Pena Filho, 1959. p. 51)

Ampliemos a percepção da imagem: uma estátua aérea feita de silêncio e bruma. O paradoxo a percorre desde sua simples definição. Além de tudo, o silêncio de que é feita a estátua, que é muda, é o que a enuncia. A palavra, como uma estátua, nada diz, mesmo sendo detentora de uma enunciação magistralmente sentenciada. Eis o conflito da palavra poética que deliciosamente se desenha em boa parte dos poemas onde é enunciada uma reflexão estética que é também metalingüística.

Em primeiro plano a figura do próprio poeta como, **navegador de brumas e incertezas**, que se faz humilde e enuncia interpelando a palavra. E assim, constroi o amplo espectro da palavra projetado numa estátua imperceptível na bruma, mas também feita de claridade e superfície.

A busca da imagem do tempo assume, portanto, duas orientações: uma estética e outra ideológica. Lirismo e historicidade misturam-se em uma vivência cujo enredo oscila entre a existência aos olhos vista e a que se esconde em um subjetivismo cujo drama, vivenciado nessa contraditória existência, se resolve não pelo esforço do homem comum, mas com o rebuscamento estético e ideológico da enunciação poética. Vida e poesia são inseparáveis; tudo são experiência e memorização de instantes e paisagens claras no tempo com o qual o poeta está mais do que comprometido. Na realidade, preso a ele como se sofresse uma espécie de solidão compartilhada.

Em busca da imagem do tempo, do tempo que se vive, mas que não se alcança e não se alcança porque é fruto da própria ânsia de vivê-lo em sua totalidade impossível, o poeta realizou uma obra singular que reunida no seu *Livro Geral* vindo à luz pouco antes de sua morte, representa, sem dúvida, grande contribuição na construção da tradição poética. Seu Legado foi recebido por outros poetas que da mesma forma buscam a dicção mais subjetiva e intimista e a dicção épica do cancionero popular.

A imagem da busca do tempo tão bem desenhada nos dois planos, em dado momento, está mais viva e representativa no plano épico, como é o caso do poema *Episódio Sinistro de Virgulino Ferreira* (Pena Filho, 1959. p. 11-17).

Parece ser exagerado, mas *mutatis mutandis* é o encontro entre Homero e Aquiles. O encontro feliz entre o poeta e o herói. Deste feliz encontro, vamos destacar seu detalhes, porque significa o grande momento da poética moderna concebida por Pena Filho.

Nesta pequena mostra de sua épica, o herói é desenhado com realismo e força episódica, assumindo a posição situacional de destinatário: **Sobre um chão de sol manchado,/ passeavas pelos campos.**

Mas a figura do herói sofre um golpe sutil e irônico, um verdadeiro **lance de dados**. A figura do deste heróico Lampião é desfeita como se não houvesse existido, ou seja, o homem vira mito: **Quem puder que invente outro/ Virgulino Lampião.**

A ironia neste poema se concentra na forma da construção mítica de uma personagem histórica de grande expressão. O lendário Lampião, líder cangaceiro, protagoniza um episódio narrado em ordem precisa, dividida em seis partes: I- uma descrição intimista do caráter do herói; II- o refrão e a cantiga do cego, com exortação a uma dona para rezar e se quisesse escapar à ira de Lampião; III- uma narrativa do episódio principal magistralmente elaborada, cheia de ação: o ataque a Vila Bela; IV- descrição das cenas do dia seguinte ao ataque, com organização para o revide, mas que logo se desfaz, porque o herói não deixa pistas; V- outra conversa com o herói, prevendo seu futuro; VI- o refrão e a cantiga do cego, com a advertência acerca das invenções lendárias dos feitos do herói.

Nos versos finais da cantiga, a voz do cego faz retornar, ao centro da questão poética sempre retomada pelos seus poemas mais intrigantes: a diafaneidade da palavra. A demanda ideológica para que o artista assumira um compromisso social com a verdade histórica de alguma forma é burlada, mas sem nenhum prejuízo para a imagem do poeta, nem do homem porque intuitivamente percebe-se, neste recurso, a coerência de sua ilogicidade brilhantemente elaborada nos seus jogos de palavras.

Conclusão

Estes são os pontos relevantes da poética bem sucedida de Carlos Pena Filho. Antes de tudo, sua inserção no tempo da busca, no seio da produção cultural da modernidade: sua poética da experiência da realização de certo formalismo conceitual, bem como sua reformulação da palavra poética são mais do que uma prova cabal do seu envolvimento com os problemas emergentes do seu tempo.

Em segundo lugar, seu compromisso social que toma a forma de uma utopia regionalista que o lança em busca da voz denunciadora das injustiças sociais. A busca de públicos mais diversos, ou mesmo como ressalta Cancline (2000), de novos mercados também são fatos reveladores da sua definitiva inclusão entre os grandes poetas do seu tempo.

Referências Bibliográficas

- CANCLINE, N. *Culturas Híbridas*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- COUTINHO, E. *Melhores Poemas Carlos Pena Filho* 4. Ed. São Paulo: Global, 2000.
- LEONI, G. *A Literatura de Rom*. 12. Ed. São Paulo: Livraria Nobel, 1976.
- PENA FILHO, C. *Livro Geral*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

